

Otimismo para variar

ESTADO DE SÃO PAULO

Pesquisa feita pela seção norte-americana do Conselho Empresarial Brasil-Estados Unidos mostra que grandes grupos norte-americanos estabelecidos no Brasil acreditam que as perspectivas da economia brasileira são boas para os próximos anos, e o real não será desvalorizado. São prognósticos que devem ser levados em conta, tendo em vista as previsões pessimistas que se fazem desde que começaram as turbulências na Ásia.

Multinacionais dos EUA acreditam que o Brasil crescerá até 4% em 98 e de 4% a 6% a médio prazo

A pesquisa do Conselho Brasil-EUA — cujos resultados foram divulgados recentemente — foi feita dois meses depois do “crash” de Hong Kong e quase seis meses depois que os primeiros sinais de crise surgiram em julho, na Tailândia. Foram ouvidas a General Motors, ATT, MCI, Enron, Xerox, Cargill, Goodyear, Raytheon, Dana, Lund, Tenneco, Pagoda, Caterpillar, Odebrecht, Veirano, Guardian, Chubb. Foi também ouvida a Câmara de Comércio Brasil-EUA. As multinacionais acreditam que o Brasil crescerá entre 2% e 4%, este ano. O secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, José Roberto Mendonça de Barros, previu um crescimento de 2% em 1998. No médio prazo (próximos dois ou três anos), segundo 12 empresas, o crescimento deverá situar-se entre 4% e 6% ao ano. Nenhum, entre os consultados, previu recessão. Uma única empresa admitiu que seus negócios deverão declinar, mas, em contrapartida, quatro multinacionais previram que seu faturamento aumentará acima de 6% ao ano. Entre os entrevistados, 55% declararam-se “levemente mais confiantes” do que antes da crise asiática, e 25% mantiveram suas avaliações anteriores. Somente 10% disseram ter menos confiança,

enquanto 10% estão “significativamente mais confiantes”.

Segundo o diretor-executivo do Conselho, Mark Smith, “a pesquisa mostra que existe confiança na equipe econômica, no real e no potencial do

País, mas é preciso que haja uma ação mais concreta na área fiscal e nas reformas constitucionais”. Os entrevistados indicaram, entre os motivos que os

levam a acreditar no Brasil, a confiança nos compromissos com as reformas, sobretudo aquelas que permitirão reduzir o déficit público, a continuidade das privatizações, mudança na estrutura de impostos, sistema legal e infraestrutura. O resultado das eleições presidenciais, em outubro, “será muito importante” para preservar essa confiança. Se as previsões das companhias norte-americanas estiverem certas, o Brasil estará mais próximo de realizar seu crescimento potencial, estimado pelos economistas em 7% ao ano. Novos elementos apresentaram-se, nas últimas semanas, para comprovar esse aumento da confiança dos estrangeiros. É o caso do recorde dos investimentos diretos estrangeiros, que atingiram US\$ 17 bilhões, em 1997. Ou, ainda, a notícia sobre a presença dominante dos estrangeiros nas fusões e aquisições que ocorreram no Brasil, no ano passado, conforme pesquisa feita pela consultora Price Waterhouse, divulgada pelo Estado.

Numa época de tantas previsões pessimistas, mas, também, de tantas previsões desmoralizadas — até poucos meses atrás era louvado o milagre do crescimento da Ásia —, é reconfortante ouvir a opinião otimista de agentes econômicos, pois eles costumam ter mais sentido prático do que os economistas.